

The Great Man's Lady / 1942
A Mulher do Grande Senhor

um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman *Argumento:* W.L. River, baseado numa história original de Adele Rogers St. John, Seena Owen *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco, 1:1,37): William C. Mello *Música:* Victor Young *Direcção Artística:* Hans Dreier, Earl Hedrick *Guarda-roupa:* Edith Head *Interpretação:* Barbara Stanwyck (Hannah Semplar), Joel McCrea (Ethan Hoyt), Brian Donlevy (Steely Edwards), Katherine Stevens (biógrafo), Thurston Hall (Mr. Semplar), Lloyd Corrigan (Cadwallader), Lilian Yarbo (Mandy), Damian O'Flynn (Burns), Charles Lane (Pierce), George Chandler (Forbes), Anna Q. Nilsson (Paula Wales), George P. Huntley (Quentin), Milton Parsons (Froman), Etta McDaniels (Delilah), Mary Treen (Persis), Helen Lynd (Bettina), Lucien Littlefield, Frank M. Tomas.

Produção: William A. Wellman, para a Paramount *Cópia:* em 35mm, preto-e-branco, versão original em inglês legendada electronicamente em português *Duração:* 90 minutos *Estreia Mundial:* 29 de Março de 1942 *Estreia em Portugal:* Odeon e Palácio, em 15 de Abril de 1942 *Primeira apresentação na Cinemateca:* Novembro de 1993 ("Redescobrir William A. Wellman").

Notas

**Originalmente escrito em 1993, o texto de Manuel Cintra Ferreira foi revisto e editado nesta ocasião.
Graças à greve geral, a sessão de dia 11 de Dezembro não se realizou.**

Muita gente poderá ficar surpreendida com THE GREAT MAN'S LADY. Pelo título tudo parece indicar que vamos ver a história de um dos grandes homens dos EUA (mesmo que se trate de uma personagem fictícia) através do olhar da sua dedicada companheira. O próprio título sugere uma secundarização da personagem feminina: o homem tem o título de "grande senhor" e a companheira é apenas "a mulher de". Esta é a primeira mistificação deste filme surpreendente, a que poderíamos chamar um filme "feminista" se o termo não se prestasse a interpretações dúbias. Mas, pelo menos, é um filme *sobre* uma mulher, sobre a sua energia e força. Uma frase famosa diz que "por trás de cada grande homem, encontra-se uma mulher". Em THE GREAT MAN'S LADY não existe sequer o "grande homem". Ethan Hoyt é apenas um sonhador, mas dominado por fraquezas de temperamento que impedem a concretização dos seus sonhos. Mas é ele que terá a estátua. Singular, sim, mas no entanto, quanto mais conhecemos a obra de Wellman, mais ele se explica, com a galeria feminina que temos vindo a conhecer, de MIDNIGHT MARY a SAFE IN HELL, de A STAR IS BORN a WESTWARD THE WOMEN. Para não falar de títulos sugestivos como LADY OF BURLESQUE e SO BIG!, ambos com Barbara Stanwyck, e o segundo um dos mais característicos "*women's pictures*", pelo menos do que conhecemos da segunda versão, feita em 1953 por Robert Wise, com Jane Wyman.

A mistificação é o próprio tema do argumento e da carreira ascendente de Hoyt, de tal modo que poderíamos ver em THE GREAT MAN'S LADY uma antecipação de outra mistificação célebre, a que leva Tom Stoddart ao Congresso em THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE (uma entre outras coincidências que se encontram nos filmes de Ford e Wellman). Há também um "segredo" que liga Hannah a Ethan, que o tempo fez só deles, o casamento, e segredo que assim continuará na fabulosa sequência final, quando ela rasga a certidão de casamento junto da estátua do senador. E, no entanto, nada teria sido da carreira de Ethan sem Hannah. É ela quem o ajuda a construir o império, e é ela quem tudo perde, Ethan, os filhos, e a própria identidade. Como Tom Doniphon, espera-a apenas o esquecimento.

THE GREAT MAN'S LADY é essencialmente um filme para Barbara Stanwyck, e foi um dos papéis favoritos da atriz, cuja única recordação amarga foi o facto de não ter o êxito esperado – *"I was just crazy about it! It was an interesting role to play and I loved the challenge. But it was never very successful, and that kind of broke my heart. I thought it was going to be... but it wasn't"*. Numa carreira de sucessos comerciais de Wellman, THE GREAT MAN'S LADY faz, de facto, figura de parente pobre, mas é, dos que conhecemos, o mais poderoso retrato de mulher que fez. O desafio para Barbara passou pela interpretação de uma velha senhora de 108 anos. O mestre de maquilhagem Wally Westmore, cria-lhe uma máscara inteiramente convincente, que a torna quase irreconhecível, ou melhor, faz-lhe um verdadeiro envelhecimento, que o que conhecemos da atriz pouco antes de morrer dão uma quase pasmosa antecipação. Por outro lado, durante algum tempo, Barbara visitou a Masonic Old Ladies' Home em Santa Mónica, onde "estudou" as velhas senhoras, os seus movimentos, forma de andar, de falar, de se mexer, que reproduz de forma espantosa (Não! Nem uma nomeaçãozinha para o Óscar levou). Vemo-la, assim envelhecida, durante bastante tempo, porque Wellman utiliza para a narração um processo frequente na sua obra (mais ainda durante a década de 1940): o *flashback*.

Como ROXIE HART que fará logo a seguir, a história é contada por um dos principais personagens regressando ao "presente" várias vezes ao longo do filme. E a história contada é praticamente a da época da colonização e formação dos Estados (aqui, mais uma vez, a Califórnia, que Wellman já abordara em ROBIN HOOD OF EL DORADO e a que voltaria em WESTWARD THE WOMEN) e o desenvolvimento das metrópoles. Mas trata-se do pano de fundo (ao contrário de outra saga, CIMARRON, de Wesley Ruggles) pois centra-se exclusivamente na história de Hannah, da sua paixão por Ethan e da sua perda (com a utilização do "triângulo" tão característica de Wellman). Sonhos e perdas que dão alguns dos melhores momentos do filme: o casamento sob a tempestade (com os "sins" sublinhados pelos relâmpagos) no momento da partida das carroças para a Califórnia; a belíssima sequência dos encontro dos rivais com Hannah no salão, envoltos na penumbra; e a espantosa sequência da tempestade em que Hannah perde os gémeos: a enxurrada que arrasta a ponte (que evoca OTHER MEN'S WOMEN), o remoinho e a imagem do cavalo de baloiço flutuando nas águas antes de se afundar, culminando no plano da boneca na lama que Hannah procura agarrar e que faz *raccord* para o "presente", com a "velha" senhora agarrada a ela. E a morte de Ethan, nas inesquecíveis e pudicas elipses de Wellman: a mão dele batendo no braço de Hannah e descaindo.

Manuel Cintra Ferreira